



O Relógio

Fabio Salvatti

Com todo o amor, recebi de minha querida madrastra o relógio de bolso que meu pai recebera do seu. É este o legado que me cabe. Cuidar de um relógio, por um tempo. Cumprir a missão de entregá-lo (ou pedir que entreguem), ao final da minha vida, a meu filho. Nossa missão, minha e desta linhagem paterna que me trouxe até aqui, é transmitir o tempo ao próximo, como um bastão em uma corrida de revezamento. O relógio de bolso já parou, há tempos. Mas seguimos na corrida para que o tempo continue sendo transmitido, nesta família. Fiquei pensando no tempo que me foi entregue, se eu o mando para que um relojoeiro o conserte, se é que tem conserto, o tempo. Quais demoras, quais permanências, quais velocidades, quais experiências de tempo este legado oferece?

Conheço parcialmente o que meu pai fez com seu tempo enquanto cuidava do relógio de bolso. Sei que uma grande parcela dedicou à leitura. Muita leitura. No final de sua vida, pegava emprestados os livros na loja de conveniência do Mário, que mantinha uma estante disponível aos clientes mais próximos, ou aguardava as vezes que eu me fazia de bibliotecário: em seu último aniversário dei a ele "A Queda do Céu". No entanto, meu pai já não comprava ou guardava livros, com exceção de dois, aos quais dedicava bastante zêlo.

Um deles me deu de presente na última visita que me fez, a única em Foz do Iguaçu. Trata-se de “As Gemas do Mundo”, de Walter Schumann, editado em 1985. É um livro técnico sobre minerais, pedraria, técnicas de lapidação, identificação e classificação das “gemas”, como são chamadas as pedras preciosas. No começo da década de 1980, quando nasci, meu pai trabalhava na Mineropar, estatal ligada ao setor de mineração no Paraná. A beleza das dezenas de imagens coloridas impressas foi objeto de meu encanto desde criança, quando meu pai evocava o livro para classificar alguma pedra diante da qual estivéssemos. Os minerais e seu tempo, as dezenas de milhões de anos.

O segundo livro só coletei quando arrumei as coisas de meu pai, após sua morte. Trata-se de uma edição de 2006 de “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa. O livro-oráculo que se abre ao tempo. O tempo de Riobaldo, de Diadorim, do Sertão. O tempo-instante, “que empurrou morros para passar”. Com a gratidão da companhia de meu pai, reinício esta leitura e logo encontro algum conforto. “Como é, então, que um se repinta e se sarrafa? Tudo sobrevém. Acho, acho, é do influimento comum, e do tempo de todos. Tanto um prazo de travessia marcada, sazão, como os meses de seca e os de chuva.” Obrigado, meu pai, pela missão de portar o tempo.

Fabio Salvatti

Performer, diretor teatral e professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foi professor do Departamento de Artes da UFSC de 2010 a 2021. Fez pós-doutorado em Estudos da Performance na NYU / Instituto Hemisférico (Nova York, 2015). É Doutor em Artes Cênicas pela USP (2010) e Mestre em Teatro pela UDESC (2004). Seus interesses estão focados em humor, ativismo e pedagogias radicais em performance. Como diretor teatral, trabalhou em cerca de 30 espetáculos em diversas cidades brasileiras. Foi coordenador do Estúdio de Arte Rebelde, e atualmente é co-coordenador do coletivo Poéticas do ENTRE. (<https://www.poeticasdoentre.com.br/>)

